[Recensão a] LOPES, VIRGÍLIO, Mértola na Antiguidade tardia. A topografia histórica da cidade e do seu território nos alvares do Cristianismo

Autor(es): Maciel, M. Justino

Publicado por: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

URL persistente: URI:<http://hdl.handle.net/10316.2/37816>

DOI: DOI:http://dx.doi.org/10.14195/1647-8657_44_10

Accessed : 26-Apr-2023 10:13:54

A navegação consulta e descarregamento dos títulos inseridos nas Bibliotecas Digitais UC Digitalis, UC Pombalina e UC Impactum, pressupõem a aceitação plena e sem reservas dos Termos e Condições de Uso destas Bibliotecas Digitais, disponíveis em <https://digitalis.uc.pt/pt-pt/termos>.

Conforme exposto nos referidos Termos e Condições de Uso, o descarregamento de títulos de acesso restrito requer uma licença válida de autorização devendo o utilizador aceder ao(s) documento(s) a partir de um endereço de IP da instituição detentora da supramencionada licença.

Ao utilizador é apenas permitido o descarregamento para uso pessoal, pelo que o emprego do(s) título(s) descarregado(s) para outro fim, designadamente comercial, carece de autorização do respetivo autor ou editor da obra.

Na medida em que todas as obras da UC Digitalis se encontram protegidas pelo Código do Direito de Autor e Direitos Conexos e demais legislação aplicável, toda a cópia, parcial ou total, deste documento, nos casos em que é legalmente admitida, deverá conter ou fazer-se acompanhar por este aviso.

CONIMBRIGA

INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA

VOLUME XLIV • 2005

FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE DE COIMBRA

LOPES, VIRGÍLIO, *Mértola na Antiguidade tardia. A topografia histórica da cidade e do seu território nos alvares do Cristianismo*, Mértola, Campo Arqueológico de Mértola, 2004.

Nas suas *Antiguidades de Mértola*, Estácio da Veiga destacou nos finais do séc. XIX as antiguidades romanas, cristãs e islâmicas. Temos agora nas mãos um novo livro cuja importância é manifesta para o conhecimento das Antiguidades Cristãs, no contexto da Antiguidade Tardia.

As manifestações artísticas do Paleocristianismo em Mértola atingiram, podemos dizê-lo, após as recentes descobertas dos mosaicos bizantinos, o mesmo nível que em outros pontos do Império do século de Justiniano e seus imediatos sucessores, na transição do século VI para o século VII. Isto está de acordo com a revitalização da via fluvial do Guadiana como percurso privilegiado de quem vinha ou demandava o Mediterrâneo, primeiro no período das invasões suévicas e vandálicas (século V) e depois nas lutas entre visigodos e bizantinos (sécs. VI/VII). Na época tardo-romana e no período da instabilidade trazida pelos Vândalos e Suevos, Mértola é um dos portos principais que serve *Pax Iulia*, *Ebora* e *Emerita Augusta*. Os casos do embaixador ravenático *Censorius*, que ao regressar a Mértola se rendeu aos Suevos e o da subida do Guadiana pelos Vândalos de Geiseric para os atacar, acção de que resultou o afogamento neste rio do chefe suevo Heremigário (ano de 429), testemunham a importância de Mértola e do seu porto nesta época.

No período visigodo tudo leva a crer que Mírtis é mais um dos portos e fortificações bizantinas que garantem a ocupação costeira do Sul da Hispânia na guerrilha que, ao longo de setenta anos, existiu entre o reino de Toledo e a *manus romana* de Constantinopla, para utilizarmos a expressão de Isidoro de Sevilha. Esta guerrilha foi desgastante e sangrenta, como nos damos conta através da leitura de cartas trocadas no princípio do século VII entre o rei visigodo Sisebuto e o patrício Cesário, comandante das tropas invasoras. São os ataques dos Persas às fronteiras orientais do império bizantino que levam o imperador Heráclio a não apoiar devidamente as suas tropas na Península Ibérica e que permitem ao antigo chefe militar visigodo e novo rei Suintila, e aqui citamos Isidoro de Sevilha, *travado o combate, conquistar as restantes cidades que a mão bizantina comandava e alcançar uma engrandecida vitória perante todos os outros reis... Ele foi o primeiro, na monarquia visigoda, a exercer o domínio de toda a Hispânia até às ondas do mar Oceano, o que ninguém antes conseguiu*.

A arqueologia vai mostrando progressivamente esta realidade da ocupação bizantina também no Sul de Portugal e não apenas no Sudeste Peninsular. Em Mértola, as recentes descobertas, designadamente de mosaicos, mostram, se não a ocupação, pelo menos o trato muito próximo entre as populações cristianizadas locais e artistas bizantinos, sem dúvida trazidos pelos ocupantes. A *ecclesia* cruciforme no Montinho das Laranjeiras (Alcoutim), junto ao Guadiana, prova-o também, designadamente através da tipologia dos seus mosaicos.

É também de citar o estudo esclarecedor de Paul Goubert, que provou que os

bispos de Ossónoba estiveram ausentes dos Concílios nacionais de Toledo durante cinquenta e seis anos, o que indicia a sua dependência, durante esse tempo, da administração bizantina. Todavia, o que em Mértola mais nos fala desta ocupação é a Torre do Rio, bem como a ponte que lhe dá acesso. Quem vê a sua tipologia construtiva e a compara com torres idênticas da época justiniânica nas costas do Adriático e do Egeu, seja na planta, seja no tipo de reutilização de materiais, vê ali, sem dúvida, uma fortificação típica bizantina para fechamento e controlo do porto.

Ao fazer este breve discurso histórico-arqueológico-artístico, é minha intenção destacar a importância do livro agora aqui apresentado, das novidades que traz, das interrogações que levanta sobre as formas e os conteúdos desta última Antiguidade Tardia em Mértola. Depois de uma época de convulsões políticas, sociais e religiosas, em que o arianismo dos Bárbaros invasores se opõe ao catolicismo dos hispano-romanos e dos bizantinos, em que a fuga e o exílio foram muitas vezes a solução procurada, surge um tempo novo de paz e de enriquecimento que permite também o enriquecimento artístico. A ocupação bizantina não teve apenas o seu lado negativo. Provocou a emulação por parte dos visigodos perante a riqueza cultural e artística de Bizâncio, herdeira directa das tradições romanas. Há, assim, na espiral criada pelo devir histórico, o reconhecimento da força das continuidades e a abertura à inovação.

O livro de Virgílio Lopes, numa primeira versão constituindo a sua Dissertação de Mestrado em História da Arte da Antiguidade apresentada e aprovada na Universidade Nova de Lisboa, inicia-se com uma referência aos dados conhecidos sobre Mértola pré-romana e romana. Desenvolve a parte respeitante à Antiguidade Tardia, numa trajectória que tem o seu ponto de partida nos já conhecidos testemunhos paleocristãos de Mértola e seu território, com destaque para a Basílica do Rossio do Carmo, as necrópoles e o *corpus* local de lápides paleocristãs, o até hoje mais importante, mais numeroso e mais significativo encontrado no território português, seja no que respeita à epigrafia, seja no que respeita à decoração, como aliás bem se demonstra na obra também já publicada pelo Campo Arqueológico de Mértola, C. Torres *et alii*, *Museu de Mértola, Basílica Paleocristã*, Mértola, 1993.

Como ponto de chegada, o livro de Virgílio Lopes apresenta-nos impressionantes descobertas de recentes escavações arqueológicas nesta cidade *emporium* do Guadiana: um grandioso edifício cristão ainda em fase de leitura, um baptistério octogonal dos sécs. VI-VII e significativos painéis de mosaicos que ainda revestem os seus pavimentos, nos quais ressalta a representação de animais em contexto de cenas de caça e uma representação do mito de Belerofonte vencendo a Quimera em claro ambiente cristão. Descobertas que consagram ainda mais Mértola no roteiro obrigatório do estudo da Antiguidade Tardia e dão a este livro uma importância única no caminho do seu entendimento e compreensão.

M. Justino Maciel